



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Historia de la literatura portuguesa', de María Jesús Fernández García]

Antonio Sáez Delgado

Para citar este documento / To cite this document:

Antonio Sáez Delgado, "[Recensão crítica a 'Historia de la literatura portuguesa', de María Jesús Fernández García]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 274-277.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

colheu trabalhar a representação da guerra no conto africano, nomeadamente, em três micronarrativas de Manuel Rui, autor angolano, e noutras três que fazem parte de uma antologia do conto moçambicano, organizada por Nelson Saúte. Depois da tentativa pouca estruturada de caracterização do género, não se entende a omissão de contistas moçambicanos, como Mia Couto e Lília Momplé, ficando também por perceber a escolha do texto de Licínio Azevedo, que é um brasileiro que vive há vários anos em Maputo, mais conhecido como cineasta. Da análise, retém-se a importância das lutas de libertação como o fundamento das identidades nacionais: «a escrita da guerra participa plenamente na constituição de uma memória colectiva» (p. 164).

O volume encerra com uma Bibliografia que refere obras dos autores da geração da guerra colonial e estudos muito variados (crítica literária e sociológica, entrevistas, artigos publicados em revistas portuguesas e francesas), o Índice remissivo de autores de obras citadas e um extenso Índice temático, cuja organização numa dinâmica desregrada mistura conceitos como «alienação», «alteridade», «lucidez», topónimos, entre os quais Espanha, Angola, Baixa do Cassanje, e onomásticos. No seu conjunto, esta obra, reveladora de uma sólida fundamentação teórica, assume grande importância, nomeadamente em França, para o estudo da literatura pós-colonial em língua portuguesa, que tem subjacente uma poética da escrita da guerra, embora seja demasiado escassa a participação de autores africanos. Digamos que ela pode ser o ponto de partida para uma reflexão mais profunda sobre a poética da escrita da guerra que se continua a fazer em cada novo livro publicado em Portugal ou em África.

Maria Fernanda Afonso

HISTÓRIA DA LITERATURA

HISTORIA DE LA LITERATURA PORTUGUESA

Coord. María Jesús Fernández García

Badajoz, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas de la Junta de Extremadura / 2011

Felizmente, a literatura portuguesa começa a contar com uma presença estável no meio literário espanhol. São traduzidos cada vez mais autores (facto ainda insuficiente dada a existência de importantes lacunas); a literatura portuguesa desperta com renovado ímpeto o interesse dos editores e dos suplementos culturais dos grandes jornais de Espanha; é possível encontrar, em suma, cada vez mais leitores interessados em conhecer o que se publica para além da fronteira que divide em duas partes a Península Ibérica. Quero começar assim, com clareza e algum otimismo, esta nota, porque a publicação da *Historia de la literatura portuguesa*, coordenada por María Jesús Fernández García, reflete precisamente esta realidade. Uma realidade, a do crescente interesse espanhol por Portugal e pela sua literatura, que é ainda mais perceptível nas regiões fronteiriças, onde a «cumplicidade» com o vizinho é um factor determinante para conseguir compreender a sua própria idiosincrasia cultural, a sua própria forma de vida. É isso, exactamente, o que tem acontecido na Extremadura espanhola, sobretudo na última década, um tempo em que a curiosidade por Portugal tem vindo a crescer exponencialmente, até passar a fazer parte, quero acreditar, do próprio legado cultural dos habitantes espanhóis da fronteira.

Não nos deve surpreender por isso a publicação deste livro, obra de quatro professores da Área de Filologias Galega e Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade da Extremadura, publicado pelo Gabinete de Iniciativas

Transfronteiriças da Junta de Extremadura, que tanto tem feito e faz pela difusão da cultura portuguesa na comunidade extremeña. Por isso, também não nos deve surpreender que no catálogo de publicações do referido Gabinete exista uma série dedicada aos Estudos Portugueses, nem que a Editora Regional da Extremadura (a editora oficial do Governo autonómico) tenha vindo a investir nos últimos anos (e muito bem) fundos públicos na edição de autores como Eduardo Lourenço, José Gil, Fernando Pinto do Amaral, Eduardo Pitta, Gonçalo M. Tavares ou José Luís Peixoto. Não há melhor maneira de nos conhecermos a nós próprios do que olhando-nos num espelho, e Portugal tem sido e continua a ser o espelho em que, já com familiaridade, se olham muitos extremeños para melhor se entenderem a si próprios.

Não se trata, e tal deve ser dito, da primeira *Historia de la literatura portuguesa* que se publica em Espanha, mas da quarta, e este dado indica com exatidão o interesse que referimos, criando uma espécie de mínima tradição própria para este tipo de obras em Espanha, sendo que cada uma delas, como é evidente, conta com a sua própria singularidade. Assim, o livro que nos ocupa é, de certo modo, herdeiro da *Breve historia de la literatura portuguesa*, publicada em 1971 pela editora Istmo; da *Historia de la literatura portuguesa* realizada por Ángel Marcos de Dios e Pedro Serra, da Universidade de Salamanca, em 1999, na Luso-Española de Ediciones; e da *Historia de la literatura portuguesa* coordenada por José Luís Gavilanes (Universidade de Salamanca) e António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra), publicada pela Cátedra em 2000. Porém, como já referimos, esta *Historia de la literatura portuguesa* de María Jesús Fernández García tem um carácter próprio, feições definidas que a individualizam e que

são explicitamente definidas na «Presentación» da obra, na qual se expõem com claridade os objetivos da mesma. Estamos perante um trabalho de divulgação, com uma evidente (e louvável) função didática e pedagógica. Uma obra resultante da experiência docente dos seus quatro autores (Juan M. Carrasco González, María Jesús Fernández García, Iolanda Ogando González e Maria Luísa Trindade Madeira Leal) em que se destaca essa mesma perspectiva docente, com particular enfoque na síntese e no resumo de conteúdos. Não estamos, portanto, perante um livro para especialistas, daqueles que, com tanta frequência, preferem a erudição à clareza. Trata-se precisamente do caso oposto: falamos de uma história da literatura plenamente acessível a um leitor neutro ou a um estudante universitário que queira familiarizar-se com os marcos fundamentais das letras portuguesas. Neste sentido, esta *Historia de la literatura portuguesa* é completamente honesta para com o leitor, o qual pretende informar e formar a um tempo, e nunca hesita em balizar os limites do seu próprio campo de trabalho, definidos pelo propósito de divulgação da obra, adotando um método que privilegia «la descripción de los ambientes culturales y de las corrientes estéticas en que se incluyen los escritores como medio para hacer más evidentes los ritmos de avance y retroceso, de innovación y repetición que caracterizan la evolución artística y literaria».

É pela observação desta perspectiva, fundamentalmente docente e divulgadora, que concede prioridade ao contexto histórico mais próximo do leitor, que se deve entender a disparidade do número de páginas dedicadas aos diferentes momentos históricos estudados, que varia entre as 250 (assinadas por María Jesús Fernández García) dedicadas aos séculos XX e XXI e as 15 (obra de Iolanda Ogando

González) com que se atravessa o século XVIII, passando pelas pouco mais de 30 (da responsabilidade de Maria Luísa Leal e María Jesús Fernández) reservadas para a literatura medieval, pelas 90 (por Maria Luísa Leal, Juan M. Carrasco González e María Jesús Fernández) destinadas ao século XVI, pelas 30 (assinadas por Juan M. Carrasco González) dedicadas à restauração e ao barroco e pelas 60 (por Iolanda Ogando González) relativas ao romantismo e ao realismo.

Esta circunstância explica, como acabámos de dizer, o papel destacado que se concede ao século XX (cujo princípio a responsável pelo capítulo situa, em termos estéticos, em 1915, com a publicação de *Orpheu*, quase em paralelo, indiretamente, com Eric Hobsbawm e com o seu «curto século XX»). É igualmente demonstrativo do facto de estarmos perante uma história da literatura de raiz tradicional, tendência frequente nas universidades espanholas, com uma vontade radicalmente descritiva e que se demarca da problematização epistemológica, tão comum neste tipo de obras noutros contextos culturais. Trata-se por isso de uma história que não põe em causa o cânone tradicional da literatura portuguesa, mas que oferece uma espécie de reflexo do mesmo no sistema literário espanhol, atribuindo lugar de destaque (com Pessoa e Saramago na primeira linha, seguidos de Lobo Antunes) exatamente aos autores que tiveram e têm uma presença mais constante naquele mercado. São, ao mesmo tempo, frequentes e muito interessantes os apontamentos ou comentários dos autores em que se comparam aspectos diacrónicos ou sincrónicos das literaturas portuguesa e espanhola, especialmente iluminadores para o leitor habituado à terminologia da história da literatura espanhola, nem sempre coincidente com a portuguesa. E são também ferramentas muito úteis quer a bibliografia final, quer

as notícias (não exaustivas) sobre as traduções de autores portugueses disponíveis para o leitor espanhol, assim como os numerosos excertos de textos traduzidos em nota de rodapé pelos próprios autores do livro. Armado com estas indicações, o leitor poderá aproximar-se seguramente com maior segurança de um determinado autor, abrindo caminho através da floresta editorial espanhola para encontrar o fruto desejado.

Estamos, por todos estes motivos, perante uma obra que é, sobretudo, um sintoma da mais que razoável saúde da literatura portuguesa em Espanha, apesar do difícil momento que vivemos. Por isso, o facto de serem necessários guias, mapas para os leitores interessados em Portugal e na sua cultura é uma excelente notícia. É certo que o leitor português que se aproximar deste livro com a intenção de encontrar nele alguma espécie de «cânone espanhol» da história da literatura portuguesa poderá ficar surpreendido com algumas das opções tomadas. Assim poderá ser quanto ao facto de alguns dos escritores das últimas gerações contarem com o mesmo espaço (mínimo) que o dedicado a nomes como Guerra Junqueiro ou Camilo Pessanha, ou ao facto de, no capítulo relativo ao século XX, a referência ao primeiro modernismo e a Pessoa anteceder a menção de Teixeira de Pascoas e do saudosismo. São, evidentemente, opções motivadas por uma função divulgadora e didática desta história da literatura portuguesa, perante as quais um leitor especializado poderia pensar que se trata em rigor de um manual de história da literatura portuguesa mais do que de uma história propriamente dita. O leitor espanhol, no entanto, não tomará parte nesses debates, e navegará pelos capítulos sem dificuldade e sem medo de se perder no maravilhoso oceano da literatura portuguesa. É esse, definitivamente, o objetivo final destas páginas, cumprido na

perfeição: servir de ponte, de bússola, de porta aberta entre dois países, entre duas culturas que começam a aprender a olhar-se de frente. Oxalá, a partir deste livro, algum editor espanhol aposte na literatura portuguesa do século XIX, pouco traduzida, ou em tantos nomes essenciais da poesia feita em Portugal na segunda metade do século XX, ainda desconhecidos em Espanha. Neste país, cerca de metade dos vários milhares de estudantes de língua portuguesa reside na Extremadura, uma região com pouco mais de um milhão de habitantes. Por isso se justifica uma obra como esta, acessível e didática, aberta a novos leitores.

Antonio Sáez Delgado

LITERATURA MOÇAMBICANA

FICÇÃO

Mia Couto

PENSAGEIRO FREQUENTE

Lisboa, Editorial Caminho / 2010

A obra reúne vinte e seis textos aparecidos originalmente na *Índico — Revista de Bordo das Linhas Aéreas de Moçambique*. Mia Couto qualifica-os de «ligeiros», indicando que não têm outra função senão a de distrair os passageiros, de ajudá-los a suportar o eventual medo do avião ou, muito simplesmente, de lhes permitir matar o tempo durante a viagem.

Todavia, a tarefa não é desprovida da ambição, diz o autor, de «fazer com que o meu país voasse pelos dedos do viajante, numa visita às múltiplas identidades que coexistem numa única nação». Eis enunciado o fio condutor que liga todas as histórias. É ainda necessário esclarecer que as identidades aqui tratadas devem ser

entendidas no sentido mais lato possível: elas dizem respeito quer às populações que vivem no território de Moçambique atual, quer ao meio natural no qual aquelas evoluem. De resto, são as descrições do meio — em particular, o rio Zambeze, os seus meandros e a fauna das margens — que ocupam a maior parte do corpo textual. Mia Couto recorda que a carta geográfica do país tem uma longuíssima história e que «a actual configuração da linha costeira de Moçambique nem sempre se apresentou assim. Ao longo do tempo, a costa foi sendo desenhada, apagada e redesenhada» (p. 73). Assim, contemplar a baía de Maputo ou o lago de Bilene não é apenas um espetáculo agradável para a vista; pode ser também a premissa para um estudo geológico que duplicaria o prazer estético sentido nesses lugares; várias vezes o romancista se esforça por revelar aos seus leitores zonas menos conhecidas do país, tal como a região de Machangulo (p. 25), onde a quase ausência de estradas e de hospitais não impede os camponeses de sobreviver e de comercializar com os seus homólogos da fronteira África do Sul. O governo da capital elaborou um «plano de gestão» para aí desenvolver as potenciais riquezas; iniciativa louvável, mas perigosa para a biodiversidade — porquanto as gentes do lugar sempre souberam criar alianças com os elementos mais hostis ao homem (sabem, por exemplo, que o fogo ou o ruído das marmitas que utilizam para cozinhar afastam os hipopótamos).

Seja no litoral, seja no interior, Mia Couto encontra matéria para realçar a «extraordinária beleza do local» (p. 26). Em Nampula, é a areia refletindo a luz solar que provoca «uma estranha embriaguez» (p. 98); «As lagoas junto ao rio Incomati, um pouco a norte de Manhiça, são um paraíso para os amantes de pássaros» (p. 97); o parque da Gorongosa, com o